

**Entre o campo e a cidade, de imigrantes
a ocupantes: memórias e experiências
sobre o cotidiano de luta na ocupação
Fazenda Caveirinha, Goiânia-GO
(1970-1989)**

Edmar Aparecido de Barra e Lopes
Universidade Federal de Goiás (UFG-FCS)
ed.clio@hotmail.com

**Entre o urbano e o rural, entre o campo e a
cidade: a centralidade da categoria fronteira**

O aprofundamento das mudanças decorrentes do processo de industrialização propiciou uma reconfiguração e complexização no modo de organização socioespacial da sociedade, promovendo alterações na composição das densidades espaciais, na dinâmica de interligações e nas significações funcionais da cidade e do campo. Associado a esta dinâmica, o debate a respeito da questão da interpretação sobre o que é cidade e campo e sobre o que é urbano e rural adquiriu importância acadêmica, instigando muitos pesquisadores a aprofun-

darem o tema (TAVARES, 1981; FURTADO, 1984 *apud* TALASKA *et al*, 2009).

As relações entre cidade-campo, urbano-rural, colocam uma questão central que é a de pensarmos sobre suas fronteiras enquanto: dimensão marcada por complementaridades e contradições; conjuntos de processos historicamente determinados; objeto de análise constituinte e constitutivo do aprofundamento da divisão do trabalho no âmbito do atual estágio de desenvolvimento do capitalismo; elemento central para analisarmos e tentar compreendermos o grande e dinâmico conjunto de problemas que transformam aceleradamente as sociedades atuais; sobreposição de formas e relações, urbanas e rurais; espaços sociais polissêmicos e repletos de especificidades que permitem pensar diversos problemas; compósito de experiências constitutivas de formas de ver, sentir e fazer em diferentes contextos; territórios instituintes e instituídos de ordens e por determinações políticas existentes; complexo de acordos e conflitos, relações de aceite e de alianças provisórias; recorte privilegiado revelador de ilegalismos, releituras e resistências que conflitam com as relações de poder dominantes; campo de batalha no qual a oralidade e o escrito ora se distanciam, ora se aproximam cotidianamente e onde memórias transitam entre os limites da visibilidade emergente e do silenciamento imposto.

A centralidade da categoria fronteira, assim compreendida, ou seja, para uma análise crítica das relações cidade-campo e urbano-rural, pressupõe a necessidade de uma abordagem que tome as mesmas enquanto em constante construção, destruição, manutenção e transformação. De outro modo, considerando sua historicidade (LEFEBVRE, 2001; SPOSITO, 2006; BERNARDELLI, 2006).

Nesta linha, novas abordagens ao conferirem primazia à necessidade de compreensão das relações, contradições e complementarieda-

des existentes entre o urbano e o rural, o campo e a cidade, têm colaborado muito para o avanço da questão. Entre as mesmas, a história oral em particular. Assim, neste artigo, com base no olhar teórico-metodológico em questão, analisamos o cotidiano de luta por moradia na ocupação Fazenda Caveirinha: Goiânia-GO (1970-1989) e a condição da grande maioria dos sujeitos de tal movimento social ao mesmo tempo migrantes (inter e intra regionais).

De outro modo, elegemos os mutirões¹ enquanto recorte privilegiado do cotidiano de lutas por moradia destes/as imigrantes/ocupantes nesta ocupação compreendida como fronteira por excelência. Reforçando o entendimento da mesma como superposição de múltiplas e diversas temporalidades (como constataremos e analisaremos no âmbito dos referidos mutirões) fundadas e fundantes de memórias e experiências entre o campo e a cidade, o rural e o urbano; o legal e o ilegal etc.

1. Antonio Candido faz em *Os parceiros do Rio Bonito* (1971, p. 38): “[...] partindo da cultura caipira, incorpora os clássicos brasileiros e sugere que o conhecimento e a transformação do Brasil real dependem não apenas dos grandes esquemas, mas também de interpretações voltadas para os grupos excluídos [...]. E neste sentido chama atenção – por exemplo – para o mutirão como elemento de solidariedade característico de tal universo”. A literatura sobre o mesmo tem mostrado que foi atualizado nas cidades como forma de autoconstrução e ajuda mútua para construção da casa própria. Deste modo, apresentamos o mutirão enquanto prática de um movimento de luta por de moradia, em particular, o da ocupação Fazenda Caveirinha em Goiânia-GO (1970-1989). Ao mesmo tempo, enquanto prática de fronteira entre o urbano e o rural, entre o campo e a cidade. Sem deixarmos, entretanto, de reconhecermos a importante problematização que Oliveira (2006) desenvolve sobre o papel dos mutirões no contexto das estratégias para a habitação no Brasil. De outro modo, tal reconhecimento significa que refutamos qualquer análise: a) romântica de tal prática enquanto elemento harmonizador de conflitos entre indivíduos no âmbito dos movimentos sociais de luta por moradia e deste em particular; b) acrítica, no sentido de tomar ou sugerir o mesmo como alternativa para a construção da habitação frente ao seu caráter de mercadoria.

O fenômeno das migrações internas no Brasil e Centro-Oeste: notas preliminares

Com a transição da economia de base agroexportadora para uma economia urbano-industrial, em particular, a partir da crise do café em 1929, o Estado passou a exercer forte presença no desenvolvimento econômico através de políticas macroeconômicas e desenvolvimentistas. Nesta linha, a partir do início da segunda metade do século XX, o meio rural experimentou diversas transformações. A busca pela industrialização e pelo aumento da produção nacional resultou no processo de modernização da agricultura brasileira a partir dos anos de 1960. Com esta, constatamos no campo uma deterioração das condições de vida, especialmente dos agricultores familiares cada vez mais empobrecidos e endividados, engrossando as estatísticas de deslocamentos populacionais rurais para os centros urbanos. E, por conseguinte, gerando e/ou aprofundando vários problemas como a degradação ambiental, a exclusão social e o êxodo rural (PIORI; POMARIO *et al*, 2012).

Particularmente no que concerne ao último processo citado, o mesmo é explicado com destaque para o fato de que a modernização do campo no Brasil foi orientada por um modelo concentrador de renda, inviabilizador das pequenas e médias propriedades rurais e todos que dela dependem como autônomos ou assalariados. Contudo, o referido paradigma de modernização apenas se consolidaria na década de 1960, pois a partir de então, a produção agrícola brasileira se integra tecnicamente ao setor urbano e industrial, objetivando ganhos econômicos mais expressivos².

2. Ver: Portelli (1997); Hartwig (2012); Camarano e Abramovay (1999); Taubé (1986); Ravenstein (1980) e; Silva (1996).

Cabe observar também, considerando o cenário em questão, que inúmeros estudos no Brasil constatam que a população que mais tem deixado o meio rural neste contexto tem sido os jovens, mais precisamente as mulheres. O processo migratório destes para as cidades se explica, no Brasil e países da América Latina, fundamentalmente em função da falta de oportunidades no espaço rural para o exercício de atividades produtivas e profissionais e por conta das más condições econômica e sociais de vida (STROPASOLAS, 2002; WEISHEIMER, 2009). Os estudos sobre migrações, sobre as várias formas de migração, tais como campo-cidade, cidade-campo, campo-campo, cidade-cidade etc., de forma geral são marcadamente interdisciplinares. Em sua grande maioria resultam de interfaces estabelecidas entre a demografia, a história, a antropologia, a sociologia e a psicologia.

Em relação à literatura especializada sobre as migrações, a mesma já produziu uma grande quantidade de dados e análises que nos permite algumas considerações gerais sobre o fenômeno. Segundo autores como Lee (1980), Baeninger (2012), Biagioni (2009), os conceitos de migração estão inseridos numa vasta e complexa documentação bibliográfica, entre outras coisas, em função do fato de se tratar de um processo sócio-histórico complexo que subjaz inúmeras transformações e que possui múltiplos condicionantes como fatores históricos, a saber: a globalização; as redes sociais; o desenvolvimento tecnológico e outros elementos. Sendo também que não há consenso sobre o conceito de migração.

Por outro lado, encontramos outros autores³ que com base em diversos métodos defendem que as migrações internas brasileiras (que aqui nos interessa particularmente) confirmam: a) uma tendência se-

3. Singer (1985); Gaudemar (1977); Netto Junior e Targino (2003) e; Ramos e Araujo (1999) *apud* Braga e Matos (2017).

gundo a qual os fluxos se dirigem de forma predominante para áreas caracterizadas por maior crescimento do produto interno bruto; b) que os migrantes se movem para áreas de dinamismo econômico, independente de serem ou não marcadas por altas taxas de desemprego; c) que os mesmos são atraídos pela expectativa de renda; etc. Características que permitem confirmar que as migrações internas brasileiras na segunda metade do século XX manifestam boa aderência às teorias que associam as mesmas ao processo de modernização bem como aos desequilíbrios regionais promovidos pelo processo desigual no espaço de acumulação do capital.

Complementam ainda, os últimos, com base em autores como Becker (1991) e Jannuzzi (1999) que a partir do início dos anos de 1980, a dinâmica econômica e territorial confere novos contornos à mobilidade populacional no país. Ao invés do crescimento acelerado observado na década anterior, o Brasil entra num período marcado pela hiperinflação e estagnação. Resultado, em grande medida, do alto endividamento público levado a cabo pelo processo de modernização conservadora comandada pelos militares e alimentador de um cenário de crise que estancou o anterior processo de mobilidade social. Fato fundamental à compreensão dos fortes sinais de arrefecimento êxodo rural registrado posteriormente.

No que tange às migrações no Centro-Oeste, a partir do início dos anos de 1970, experimentaram um forte processo de expulsão de sua população rural: 35,2% da população no início do período. De outro modo, a população rural da região, ao contrário do que ocorreu na década anterior, já começa a reduzir-se em termos absolutos, fato que vai acentuar-se durante os anos 1980, a década de desruralização do Centro-Oeste. Porquanto, o padrão que imperou na expansão da fronteira agrícola em direção a esta região (e que determinou a impor-

tância da região na oferta nacional de grãos) responde em grande parte pelo seu nítido esvaziamento demográfico rural nos anos de 1980. De modo que nestes anos, quase a metade (48,8%) da população rural do Centro-Oeste toma o caminho da migração.⁴

Neste contexto (1970/1980), caracterizado por uma nova ordem do capitalismo mundial sob o controle dos países do centro, implicou em um processo massivo de desemprego, flexibilização das condições de trabalho, a precarização do emprego assalariado, a redução e/ou desmantelamento da produção industrial, perdas de conquistas trabalhistas, o crescimento das distâncias salariais entre ricos e pobres, além de uma situação de empobrecimento crescente com a deterioração das condições de vida dos trabalhadores (Quijano, 2004), resultando em sérias consequências sociais para os países em desenvolvimento como Brasil e vizinhos da região.

No que concerne ao referidos migrantes internos no período considerado, experimentaram intensos processos de marginalização e exclusão econômica e social nas ditas grandes cidades para as quais migraram. É sobre esse momento histórico, pois, que dizem respeito os relatos de experiências de luta por moradia na Ocupação Fazenda Caveirinha, em Goiânia (1979-1989), produzidos com base na metodologia qualitativa: história oral e tendo por pressuposto a ideia de *fronteira* entre o rural e o urbano, o campo e a cidade, enquanto constitutiva e constituída de tais vivências tal como exposto anteriormente. Antes de passarmos à análise dos referidos relatos, dedicaremos algumas considerações sobre tradicionais práticas de investigação sobre migrações e, num segundo momento, algumas linhas sobre uma rica alternativa de investigação relativa às mesmas, através do uso da me-

4. Tal como encontramos nos autores que seguem: Camarano e Abramovay (1999); Binswanger e Braun (1993); Martine (1990); Borges (1994); Castro e Fonseca (1995); Alves e Contini (1992).

todologia qualitativa (história oral).

A centralidade da ideia de experiência e de fronteira no estudo das migrações: novos desafios e possibilidades teórico-metodológicas

De acordo com Baeninger (2012), inúmeros desafios têm se colocado para a comunidade científica nas últimas décadas no que concerne aos estudos das migrações. Esclarece que no contexto histórico contemporâneo, os processos migratórios internos e internacionais se redefinem na composição de um movimento mais amplo de transformação. Neste sentido, concorda a mesma, a análise de tal fenômeno coloca-nos novos desafios teóricos e metodológicos. E nesta linha, Sarmiento (2018, p. 1) explica que:

Em relação às metodologias aplicadas nos estudos migratórios, nas últimas décadas, as pesquisas sobre as migrações internacionais experimentaram um notável impulso. De forma geral, houve uma crise dos modelos de análises macrossociais (as diferentes variantes de marxismos, os funcionalismos etc.).

A variedade de estudos publicados sobre esta questão nas últimas décadas desenvolveu uma massa crítica de estudos de caso que permitiram a compreensão dos fatores macroestruturais e micro-sociais do fenômeno. Sendo que a maioria desses trabalhos assumiu como axioma – implícita o explicitamente – que o velho dilema das Ciências Sociais entre a estrutura e a ação, não oferecia resultados satisfatórios para os casos específicos.

Em outros termos, reforça Sarmiento (2018), somente com a interação entre os fatores explicativos macroestruturais e as redes micro-sociais seria possível se compreender a fundo, certos fluxos migra-

tórios e as características básicas apresentadas pelos mesmos.⁵ Defende, por conseguinte, como muitos teóricos que citam neste sentido, a necessidade de que o enfoque estatístico e quantitativo passe a ser empregado com as fontes qualitativas, enquanto forma (também) de conferir visibilidade aos sujeitos do processo.

No que tange à sua análise sobre as mudanças nas metodologias aplicadas nos estudos migratórios, cabe ressaltar que a mesma constata: a) um processo recente de emergência de novas pesquisas sobre as migrações que sustentam novas análises voltadas para a História social, a Demografia e a Antropologia Histórica; b) a ampliação de temáticas e renovação de metodologias aplicadas e que possibilitaram a passagem do método puramente quantitativo para outros que introduziram as perspectivas analíticas de tipo qualitativo; c) o fato de que o método qualitativo permitiu a utilização de fontes antes subestimadas pela historiografia mais tradicional, como as correspondências, as fotografias e entrevistas (SARMIENTO, 2018).

Neste sentido e nos apoiando em teóricos elencados⁶ podemos afirmar que é necessário problematizar questões classicamente analisadas, tais como: quantificação de dados sobre fluxos migratórios; causas da migração; modalidades de migração; tipos e destinos de migrantes, a partir de trajetórias individuais e, em particular, através do uso de metodologias qualitativas alternativas e/ou complementares às tradicionais investigações em questão. Mudança que tem sido

5. Entre as muitas obras que concluem neste sentido, podemos citar: Alonso (1995); Moya (2004); Núñez Seixas (2014); Merton (1964); Carassou (2006) apud Sarmiento (2018).

6. Alencar (2009) Certeau (2002), Dreher (2007), Gattaz (2001), Guedes (2005), Fontes (2008), Goettert (1999), Khoury (2001), Laverdi (2012), Le Goff (1996), Lowenthal (1998), Menezes (2002), Neto (2005), Pereira (2008), Peres (2003), Pomician (2007), Poutignat e Streiff-Fenart (1998), Prochnow (2009), Sarlo (2007), Sarmiento da Silva (2006), Soutelo Vazquez (1998), Thomson (2002), Wenczenowicz (2007), entre outros.

fundamental para conferir centralidade às categorias “experiência” e “subjetividade” na análise do fenômeno das migrações.

Transformação observada, em inúmeras análises sobre os ditos lugares de fronteira.⁷ Olhares que nos permitem tomar este conceito, definido enquanto:

Formas variadas e contraditórias de práticas de classe empenhadas na apropriação de meios, conhecimentos, recursos e instituições. [...] gramática viva de conflitos que se manifestam na diversidade das táticas de resistência, de dominação, de agenciamento e de hegemonia, ao fixar os blocos e alianças, ao se estruturar em linguagens e práticas de pretensão envolvente e totalizante. [...] mecanismo que permite convidar certos grupos para o gozo e usufruto, em nome da competição e do crescimento da riqueza, com a mesma razão que cínicamente justifica as limitações, como parte da promoção da necessidade da austeridade, da estabilidade e da ordem [...]. Sendo que [...] a forma jurídica (da fronteira) atinge de maneira emblemática a constituição material das formas políticas, influenciando na composição social e técnica e na gestão do trabalho (MEZZADRA, 2012 *apud* BOCAYUVA, 2013, p. 25).

Conferindo lugar privilegiado, pois, a tal concepção sobre fronteira, bem como a categoria de experiência e subjetividade/subjetivação associadas a mesma é que foram produzidas e analisadas, por exemplo, entrevistas com base na história oral, utilizadas logo a baixo na análise de um estudo de caso sobre o cotidiano de luta por moradia de indivíduos (migrantes campo-cidade e migrantes cidade-cidade) que fundaram e protagonizaram um contexto de alianças, lutas, resistências e aceites no dia a dia daquela que foi nomeada pelos/as mesmos/as como ocupação Fazenda Caveirinha (1970-1989)

7. Tais como: Deleuze e Guattari (1980); Cocco (2012); Lefebvre (2000); Ribeiro (2012); Santos (2008); Soja (1993); Virilio (1996); Martins (2009); Perce (1999); Hall (2003); Certeau (1994); Foucault (2000); Bourdieu (1997); *apud* Bocayuva (2013).

na cidade de Goiânia-GO.

Fronteiras entre o campo e a cidade: uma análise dos mutirões no cotidiano de luta por moradia de imigrantes/ocupantes da Fazenda Caveirinha (1970-1989), Goiânia-GO

A produção e análise de narrativas orais – de memória/s – com base na história oral é uma escolha teórico-metodológica cada vez mais reconhecida (sobretudo, a partir dos anos de 1970/1980) enquanto forma de reconstituição de trajetórias e práticas cotidianas de migrantes em diversos contextos históricos. Nesse sentido, faremos uso de tal escolha visando compreender criticamente uma dimensão específica, e não raramente silenciada, dos processos de migração: o cotidiano (HELLER, 1989; LEFEBVRE, 1991; KOSIK, 1976; DIAS, 1984) enquanto categoria de análise fundamental a compreensão das práticas destes sujeitos e da referida ocupação enquanto área de fronteira (simbólica e física) entre o urbano e o rural, entre o campo e a cidade. Mais precisamente, um recorte característico do mesmo, ou seja, os mutirões no cotidiano da luta por moradia na ocupação em questão.

Ao longo de entrevistas realizadas com várias das pessoas que ocuparam originalmente a Fazenda Caveirinha, os mutirões aparecem como uma constante nessas experiências de vida. Criados em um primeiro momento para abrir ruas, construir salas de aula e casas, essa prática pode ser entendida no contexto da ocupação como uma forma de (re)territorialização de um espaço atravessado predominantemente pelas “linhas” do mercado. De certa forma, pode-se dizer que aspectos da realidade social e cultural, política e econômica da cidade de

Goiânia, de ontem e de hoje, estão presentes nos mutirões entendidos enquanto prática de luta por moradia. E no bojo dessa prática transforma-se também o próprio olhar daqueles que vivenciam o cotidiano do processo de lutas por moradia. Os mutirões, tal como se constituíram, na ocupação Fazenda Caveirinha, podem ser considerados como um dos símbolos do fazer-se de sujeitos sociais que rebocam projetos de uma cidade utópica silenciados pela memória hegemônica da cidade.

Os referidos mutirões podem ser compreendidos enquanto “campos de forças”, uma prática que sustentava uma dimensão ética de cidade que conflitava com os poderes constituídos. Essa forma de luta contribuía para que novos sujeitos sociais ganhassem visibilidade no cenário político de Goiânia como produtores de uma “ruptura instauradora” (CERTEAU, 1994). De tal maneira, pretendemos dizer que as práticas sociais dos migrantes/ ocupantes da Fazenda Caveirinha não revelam apenas que são “excluídos do direito à cidade” como já salientou Lefebvre (2005), evidenciam também a existência deles como indivíduos que vivenciam temporalidades muito frequentemente estranhas àquelas dos representantes dos poderes da ordem dominante cidadina de Goiânia.

Trata-se, pois, de uma estranheza (re)territorializante do espaço dado. Em função disso, pode-se dizer que é possível reconhecer na mesma uma territorialidade formada por uma rede efervescente de linhas temporais que fundem e conflitam entre si, ininterruptamente, que se aproximam e se distanciam ao sabor dos desafios cotidianamente colocados por estes migrantes (em sua grande maioria) agora na condição também de “invasores” aos olhos da cidade vitrine.

Nessa ocupação, hoje Jardim Nova Esperança, escondem-se e resistem surdamente cidades que reaparecem constantemente sob novas

formas como um grande carnaval. O bairro é relativamente novo no mapa oficial da cidade de Goiânia, mas nele despontam outras plantas ou permanências históricas. O próprio mapa do Jardim Nova Esperança é um quadro de memórias da luta por moradia e da trajetória desses sujeitos. Nesse sentido, Robinho Martins de Azevedo⁸ afirma:

[...] Estamos enviando o mapa do Jardim Nova Esperança para você guardar de lembrança. O seu filho terá orgulho disso no futuro, pois o Jardim Nova Esperança é o único bairro de Goiânia construído pela própria comunidade. E aos que vieram depois de nós, o mapa é um presente de nossa luta, de nosso trabalho (AZEVEDO, 1986, p. 47).

A importância que o depoente confere ao mapa pode ser mais bem compreendida se considerarmos a rigidez de sua geometria como expressão de uma jaula da racionalidade na qual habitam, sob diversas formas e vozes, sonhos de liberdade. Cada linha do mapa do bairro, seus traços estão profundamente comprometidos pelas linhas “invisíveis” das histórias de vida de cada um dos indivíduos que, na luta pela moradia na Fazenda Caveirinha, ousaram construir pontes entre a cidade-sonho e a cidade-planejada. E neste sentido, por exemplo, sob os nomes de ruas e avenidas, percebemos rastros de uma luta que a lógica da urbanização tende a apagar, a citar: Rua das Mães; Rua da União e Rua dos Migrantes.

Os sujeitos desse movimento social de luta por moradia transformaram o referido cotidiano de luta em trincheira para conquistar também o direito à memória, inclusive de suas experiências de vida enquanto – para a maioria dos mesmos – migrantes. Isso acontece à medida que percebem que habitar não é simplesmente se enclausurar no

8. Robinho Martins de Azevedo tinha 48 anos à época deste escrito. Ex-membro da Associação de Moradores do Jardim Nova Esperança, agrônomo, sindicalista, ex-mutirante, morto por uma “bala perdida” no final dos anos de 1990.

falso aconchego de uma choupana/fortaleza, é também lutar para serem reconhecidos enquanto parte da cidade, como cidadãos. De outra forma, se conscientizam de que a habitação é um rasgo fundamental da condição humana.

Em cada rua e avenida, através dos mutirões, indivíduos com diferentes trajetórias imprimiram no espaço os rastros de um sonho comum. Sob o sol, entre pedras, cada indivíduo envolto no sonho da morada própria. Eles e elas, adultos e crianças, rasgaram no solo os contornos de uma utopia. Sobre os mutirões lemos o seguinte:

Depois de ter conseguido ficar na terra, que foi uma vitória muito grande, a luta não parou. Começamos pela abertura das ruas que foi um trabalho muito extenso. Decidimos todos juntos que nós mesmos deveríamos abrir as ruas e demarcar os lotes, não esperar pela prefeitura. Foi formada uma equipe para abrir as ruas e demarcar os lotes. [...] Com a ajuda de todos os moradores conseguimos alimentos para os companheiros da equipe até o final do trabalho. Faltava a limpeza das ruas, então organizamos em mutirões aos domingos para fazer a limpeza das ruas, entupir cisternas e mudar barracos que ficava no meio da rua. Foi numeradas todas as quadras e lotes e entregue a cada morador. Na entrega eram eleitos 4 representantes: 2 homens e 2 mulheres para tomar conta da quadra (AZEVEDO, 1986, p. 63).

Esse trecho, do citado boletim, fala sobre a importância dos mutirões. Antes de tudo, lembrando que a publicação é apenas mais um momento desse processo e os próprios mutirões uma forma luta, organização e resistência. Através destes, nas casas que frágil e perseverantemente foram levantadas por estes sujeitos sociais, descobrimos que suas paredes estão atravessadas por lembranças de um passado rural. Atentamos para o fato de que suas janelas emolduram temporalidades cristalizadas nas falas e nos gestos de cada um de seus habitantes. Através dos mutirões, percebemos essencialmente a construção

de novos sujeitos sociais e o questionamento das tradicionais relações entre espaço e poder.

Esta percepção dos mutirões, enquanto prática pluri-temporal que habita as fluidas fronteiras entre o campo e a cidade e estratégia de (re)territorialização do espaço citadino disciplinar(izado) e de afirmação de sujeitos sociais pode ser mais bem compreendida quando lemos na citação acima: “[...] Decidimos todos juntos que nós mesmos deveríamos abrir as ruas e demarcar os lotes, não esperar pela prefeitura [...]” (AZEVEDO, 1986, p. 35). Esse fragmento de citação do boletim supracitado, assim como a maior parte de outros documentos sobre o movimento produzidos pelos próprios moradores, revela aquilo que poderíamos denominar como uma concepção positiva de sujeito social, confirmando a tese de Certeau (1994, p. 41-42), segundo a qual: “[...] Uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar [...], jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam a ela, a não ser para alterá-los”.

Entretanto, os mutirões não podem ser vistos apenas como um elemento que harmoniza e une diversos indivíduos em um cotidiano de luta comum. Estaríamos, dessa forma, aceitando acriticamente uma visão romântica sobre os movimentos sociais em geral. Os mesmos constituíam-se, internamente, também numa forma prática contraditória e cotidiana de politização e questionamento dos motivos que levaram muitos/as moradores/as a resistirem a se mudarem para novos lotes, visando a viabilizar a nova geografia pretendida para o bairro, discutida e aprovada pela ampla maioria de seus migrantes ocupantes através de assembleias populares. Sobre esse fato, o senhor Olavo Novaes Alves⁹ presta o seguinte depoimento:

9. Olavo Novais Alves, 63 anos, migrante e ex-mutirante, vigia noturno e balco-

[...] Prá abri rua, mudá casa de lugar, muitas das vezes até a gente mesmo ficava nervoso. Às vezes, ficava nervoso com o Robinho. De repente, vi que tava certo. Ainda fico com umas coisas que tava meio torto, mas se não fosse o Robinho, não tinha quase nada, quer dizê, foi muito importante aquele trabalho, ele era agrimensor também [...].

As tensões aconteciam, em parte, como resultado da necessidade de recomodar espacialmente muitos/as dos/as migrantes/ocupantes. Uma dinâmica que, de certa forma, não deixava de estimular lembranças referentes às inúmeras vezes que tais sujeitos foram obrigados pelo poder repressivo da “cidade escriturária” (RAMA, 1985) a migrar sem rumo na mesma em função do caráter capitalista de seus fluxos produtivos. Essas tensões internas dos mutirões ajudam-nos a desmistificar uma forma de pensamento tradicional no qual o real é representado em termos de conceitos binários e muitas vezes estanques: o dominador e o dominado; o rural e o urbano; o operário e o burguês. De outro modo, estes conflitos devem ser analisados sob a ótica da “dialética das limiaridades” inscrita no processo de produção desse espaço. Em artigo intitulado *A Guerra dos Lugares*, Arantes (1994, p. 36), falando sobre o conceito de “espaços liminares”, toma a cidade de São Paulo como exemplo para explicar o mesmo:

[...] Um agregado de tensões e conflitos que se espacializam num amálgama de múltiplos territórios (ou lugares) e não-lugares”. Esse conceito, para além de territórios bem delimitados, aponta ainda contextos ou ambientes: “[...] Entendidos como zonas de contatos, onde se entrecruzam moralidades contraditórias”.

Esse conceito é importante para analisar a dimensão simbólica da resistência por parte de alguns moradores/migrantes à organização de

nista. Este depoimento e todos os seguintes foram colhidos em julho de 1998.

mutirões visando mudar de lugar alguns precários casebres que impediam o planejamento mínimo das ruas e quadras, decidido pela maioria dos moradores. Isso porque em que pese o fato de as fronteiras físicas e simbólicas desse espaço serem construídas cotidiana e coletivamente através de uma rede de formas efervescentes de solidariedades, as mesmas não eliminam ou nivelam os movimentos internos conflituosos deste processo de territorialização.

Dessa forma, o cuidado de não caracterizar os mutirões para abertura de ruas como uma prática que unia a todos de forma absoluta e harmônica. Uma vez que tal ação tem uma temperatura própria que se alimenta tanto dos valores plantados e cultivados ao longo da vida de cada um, quanto da rede de linhas que dão visibilidade à cidade oficial dentro da ocupação.

Estas tensões colocam em primeiro plano as relações de poder internas do movimento, mostram como o saber técnico muitas vezes é representado por determinados indivíduos como indicativo do melhor caminho a ser trilhado no cotidiano da luta. Nesse sentido, Olavo Novaes Alves (representando atitudes semelhantes a de outros migrantes/ocupantes) termina por concordar em se mudar para outro lote da ocupação, porque considerava o argumento de Robinho não só uma voz prestigiada, mas também como o argumento de um técnico. Robinho era formado em agronomia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e era agrimensor. Foi o responsável pelo traçado das primeiras ruas e quadras da referida ocupação enquanto um de seus moradores e parte do movimento.

Isso fica bastante evidente quando, na citação anterior, percebemos que o depoente reconhece a importância da proposta de planejamento da área ocupada (defendida, sobretudo, por Robinho), sem deixar de ressaltar: “[...] *ainda fico com umas coisas que tava meio*

torto”. Em seguida, ao afirmar: “[...] *também, ele era agrimensor [...]*”, mostra certa distância cultural entre eles traduzida em relações de forças. Podemos dizer que, em certa medida, a relação entre saber e ideologia, assumiu diversas figurações dentro desse movimento.

É plausível afirmar que no caso analisado, por mais que sejamos levados a concordar com a proposta de planejamento mínimo na ocupação, não podemos refutar o fato de ela apresentar-se como uma forma de controle sobre os fluxos de indeterminação social e política que caracterizou, sobretudo, seus primeiros meses de existência. Esta dinâmica histórica, inerente ao movimento nos possibilita falar da existência de um “discurso competente” próprio do grupo. O “[...] discurso competente [...] é aquele no qual a linguagem sofre uma restrição que poderia ser assim resumida: não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro, qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância” (CHAUI, 1989, p. 7).

Assim, é acertado dizer que esse movimento de luta por moradia descortina inicialmente aquilo que Negri (1994) denomina como a força de um “poder instituinte” – tal como nas novas relações de poder estabelecidas com a cidade oficial – e afirma posteriormente uma tendência interna de consolidação de certas práticas e representações enquanto “poder instituído”. Sob esse viés, as próprias instituições que foram primeiramente procuradas pelos moradores do bairro (Centrais Elétricas de Goiás – CELG, a Fundação Municipal de Desenvolvimento Comunitário, a Prefeitura e a Secretaria de Educação), apesar de inicialmente se recusarem a atender às reivindicações dos moradores individualmente, gradativamente passaram reconhecer a representatividade da Associação de Moradores do Jardim Nova Esperança em relação à população da referida área.

Isso porque, em que pese à combatividade política da associação,

sua existência, por si só, representava um novo momento da luta na referida ocupação. A fundação da Associação da ocupação referida (por Robinho, Maria de Jesus Rodrigues¹⁰, Maria Geralda¹¹ e outros/as migrantes/ocupantes) era, na verdade, a figuração de um novo momento político do movimento, necessário, mas, agora, instrumento de um poder transformador menos difuso e mais previsível, mais passivo de policiamento e, portanto, menos ameaçador para a ordem dominante de uma cidade onde as ruas tendem a conspirar contra as relações de produção do espaço-mercadoria.

Não podemos esquecer de que, no âmbito do sistema capitalista, o direito à cidade e à cidadania significa fazer parte de uma bem determinada civilidade, isto é, agir em relativa sincronia com os tempos sociais de tal sociedade. Portanto, por mais ideologicamente progressista que seja qualquer mecanismo representativo de um movimento social, perante a rigidez dos poderes constituídos, o diálogo necessário com estes últimos significa sempre recortes e limitações na dinâmica inicial da luta por moradia: uma relativização de sua radicalidade inicial, certa acomodação com as linhas da arquitetura das relações sociais predominantes na cidade instituída.

Essa é uma reflexão importante à medida que aponta para o fato de que os avanços e retrocessos da luta pela casa própria na ocupação Fazenda Caveirinha, não podem ser compreendidos desarticulados dos poderes constituídos da cidade. Um exemplo de como esse poder “instituinte” ganhou forma no início da ocupação pode ser observado no relato de Maria de Jesus Rodrigues (1989, p. 5), quando fala sobre os

10. Maria de Jesus Rodrigues, 46 anos, ex-mutirante, migrante, membro da Associação de Moradores do Jardim Nova Esperança, criadora do grupo de teatro popular Alma Nova.

11. Maria Geralda de Souza, 51 anos, ex-mutirante, migrante, membro da Associação de Moradores do Jardim Nova Esperança, professora da rede municipal e estadual de ensino no bairro.

mutirões:

Com enxada e foice a área foi desmatada. Em poucos dias estava quase toda loteada. Cada um cercava um pedaço, prá fazer sua morada. Os materiais chegavam em carroças ou caminhões. De sol a sol trabalhamos, como aqueles sete anões, construindo, com afinco, nossos próprios barracões. ‘Quem te viu, quem te vê’, era a manchete do dia! Esta área abandonada, hoje cheia de moradia! Nos gritos da criança, transbordava a alegria. Mas se existe a pobreza, também existe a ganância. Depois da terra habitada, apareceram as onças, que eram os pretensos donos, tirando-nos a esperança. Nos seus carros importados, e com um papel na mão, disseram ser documento desse pedaço de chão, dizendo prá nós irmos fazer casas no sertão.

Através dessas linhas, podemos visualizar uma imagem muito expressiva, marcada por uma tonalidade caracterizada por um momento político no qual diversos indivíduos levantavam concretamente as paredes de uma luta que fazia sombra sobre a cidade dos poderes constituídos. Naquele momento, Maria de Jesus parece indicar que uma necessidade comum parecia convidar a todos daquele lugar a vivenciar o aconchego de um só teto, o da esperança. As primeiras e outras inúmeras ruas e paredes que foram levantadas, só foram possíveis porque tal teto se constituía numa rede em que a todos unia e alimentava.

Esse “teto” pode ser compreendido como uma metáfora para uma “rede de solidariedades” conflitiva e contraditória que se constituía no cotidiano da luta por moradia. Uma metáfora que é mais útil pela inesgotável força de suas sugestões, do que pelas suas possíveis definições. Poderíamos, então, dizer que a ocupação Fazenda Caveirinha foi possível, porque antes foi o “teto” e só depois, então, as ruas e paredes.

Essas construções são também recomposições de memórias, materialização histórica destas. Assim, em cada parede levantada pelos

mutirões, em cada rua aberta pelos mesmos, configura-se uma multiplicidade de memórias de migrantes/ocupantes. E a própria origem da maior parte das ferramentas, utilizadas por estes sujeitos para a construção do sonho da casa própria, nos indicam o caráter múltiplo e fragmentário, difuso e retardatário do ato de rememoração.

Nessa linha, Maria de Jesus nos afirma: “[...] e com enxada, foice e machado a área foi desmatada”. A mesma faz referência a ferramentas-símbolo do cotidiano de trabalho da vida no campo, reforçando que a maioria dos migrantes/ocupantes tinha um vínculo cultural muito recente com este. As ferramentas na narrativa de Maria de Jesus aparecem como instrumentos de mediação da relação entre homem e natureza. No campo, desmatavam o necessário para sobreviver, para construir a choupana/fortaleza em meio à “mata”, muitas vezes vivenciada como fonte de ameaça, medo e desequilíbrio em relação ao cotidiano de segurança da casa. Através dos mutirões, estes sujeitos que ocuparam a Fazenda Caveirinha, “desmatavam”. De outra forma, estabeleciam entre eles e a “mata” uma nova dialética, na qual a cidade-mercado é a nova ameaça à segurança da pretendida casa e, ao mesmo tempo sua condição, dado que se tratava de casas e sonhos plantados no terreno do capitalismo.

Nesse sentido, gradualmente descobrem que é preciso enfrentar/transformar a “mata-cidade”. Assim, como os sujeitos desse movimento, no campo não podiam ignorar a “mata” que avançava sobre eles, ritmada pelas estações do ano, também, agora, na cidade, descobriam que não podiam ignorar a existência dos poderes instituídos da cidade. Descobrem, assim, que era necessário trilhar a “mata-cidade”, conhecer melhor seus meandros, tentar compreender os temerosos ruídos que a habitam. Desta forma, à medida que os mutirões aconteciam e, através deles, sonhos ganhavam formas nos contornos de precárias

ruas e casas, a cidade-oficial era desmistificada.

Para as lideranças dessa ocupação e seus demais ocupantes, os ruídos inicialmente percebidos nos confusos ritmos da cidade ganhavam a forma de uma linguagem marcada por conflitos. No que concerne aos referidos “ruídos” que habitam a “mata-cidade”, Maria de Jesus em um determinado trecho da citação, afirma: “[...] depois da terra habitada, apareceram as onças”. Outra vez, percebemos como a dialética da “mata-cidade” instituída está fortemente arraigada nessa narrativa. A narradora traz à tona o fato de que na cidade, como na “mata”, coloca-se a necessidade da luta contra o previsível e o inesperado.

Para estes migrantes/ocupantes “desmatar” é uma atividade cíclica, dado que os moradores da roça estavam fadados/as a cumprir tal ação para garantir o cotidiano da casa. Não se pode também esquecer que o ritmo do “desmatar” (no caso da agricultura de subsistência, mais vulnerável ao tempo da natureza), não raramente é atravessado pelo tempo de emergência, ou seja, tempos sociais que muitas vezes emergem no cotidiano da “mata-cidade” como ervas-daninhas que teimam em infestar a esperança da choupana/fortaleza, uma construção como vir a ser. Maria de Jesus nos diz, em relação à área ocupada/desmatada, que as “onças” aparecem como: “[...] pretensos donos, tirando-nos a esperança”.

Outra nota importante sobre esta narração pode ser percebida quando ela escreve: “[...] nos seus carros importados, e com um papel na mão, disseram ser o documento desse pedaço de chão”. Nesse fragmento poético, Maria de Jesus nos atenta para um aspecto de grande importância naquele momento, o fato de que os migrantes/ocupantes em questão não tinham nenhuma garantia de posse formal daquele pedaço de chão, de suas casas. A inexistência deste “pedaço de papel” a que se refere a narradora, era a escritura da área que a Companhia

Agroindustrial de Goiás (CAGIGO), logo se apressou a apresentar ao defender seu direito propriedade formal sobre a área, tentando expulsar os migrantes/ocupantes da mesma.

Fatos como este, gradualmente, fizeram com que estes sujeitos da beirada da “mata-cidade”, experimentassem em seu cotidiano de luta o cuidado, a desconfiança e o receio, como “astúcias”. Nesta linha de análise, não podemos refletir satisfatoriamente sobre as narrações relativas a esta ocupação se nos abstermos de procurar no dito e no não dito, nas palavras e nos gestos, nos documentos escritos mais diversos dos depoentes, uma lógica que caracterizou essa luta e que pode ser denominada como “dialética da beirada”. Tal dialética está presente nas próprias histórias genealógicas sobre a origem do Jardim Nova Esperança (na sua origem ocupação Fazenda Caveirinha), quando – por exemplo – Maria de Jesus ao ser questionada sobre o motivo da escolha daquele local para a ocupação, responde:

[...] O que eu sei, o que eu posso te afirmá, é que ela não foi projetada, não, ela não foi pré-organizada, não, ela aconteceu. Ela aconteceu. Segundo pesquisas que a gente fez, dois moradores, duas pessoas estavam aqui dentro caçando passarinhos. Eles não tinham onde morá e eles caçavam, caçavam passarinhos aqui e, de repente, eles sentaram numa sombra prá descançá e começaram a... a... con-jectuá: mais ó tamanho de terra desse aqui, a gente nunca viu ninguém aqui fazê nada aqui, a gente bem que podia vim prá cá, né? E aí eles, eles dois falaram: Uai? Se você acha que a gente... se ocê topá, nós vem, né? E eles vieram, eles eram dois. Acho que eles ficaram por aqui umas duas semanas. Até que a notícia foi alcançando gradativamente outras pessoas que não tinham onde morá, né? E foi desse jeito que aconteceu a Nova Esperança. Ela aconteceu por uma força maior, né? A nossa, a nossa necessidade de morá.

O depoimento recoloca, sob outro ângulo, a dialética da “mata-cidade”. Nesta narrativa, o lugar, hoje conhecido como Jardim Nova Esperança, aparece genealógicamente como “mata”. A narradora (mi-

grante/ocupante) nos fala desse lugar originário como lugar marcado por imagens puras, sustentando representações míticas sobre o campo (lugar de origem) em oposição à cidade (lugar de chegada) excludente.

Falando como sujeito social da “beirada”, ou seja, expropriado pela concentração fundiária no campo e sem lugar na cidade, a narradora não expressa a realidade histórica da vida no campo, mas sim, imagens fragmentárias, recortes estáticos de memória nos quais se agarra, de certa forma, lamentando uma “mata” lhe arrancada, bem como de sua comunidade originária pelos ritmos do capitalismo da chamada modernização conservadora. Observamos um processo de idealização não da “mata” como contraponto à vida na cidade, mas de determinadas situações da vida no campo associada a esse universo em oposição ao da cidade, onde crescente número de indivíduos (particularmente estes migrantes/ocupantes) vivem a experiência sob múltiplas formas de serem “caçados” de uma cidade que desde sua fundação se pretende cenário de modernidade fincada no cerrado.

Para refletir sobre a importância da dialética campo-cidade e compreender melhor os mutirões para abertura de ruas e construção de casas na ocupação em questão, é oportuno ressaltar uma reflexão de Raymond Williams (1990, p. 19), em *O campo e a cidade*, quando afirma: “[...] A longa vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamentos e decisões”.

Na linha deste raciocínio, podemos afirmar que os mutirões se constituíam enquanto práticas cotidianas em questão, atravessadas por representações sobre campo e a cidade nas quais estavam plantadas tanto memórias de uma “mata” enquanto passado saudoso e mitificado, quanto o sonho da conquista de um “pedaço de chão”, ou

seja, da casa própria. Representações constituídas e constituintes de temporalidades vinculadas a uma dinâmica na qual conflitava o tempo regulado pela natureza e o tempo da disciplina no cotidiano de vida e luta destes migrantes/ocupantes.

Considerações finais

Com o objetivo de caminhar para finalizar o artigo, constatamos através da análise das narrativas orais e outros documentos produzidos por estes sujeitos (versos, mapas artesanais etc.) que a constituição dos mutirões, nesse processo, sempre foi marcada por uma relação de mútua determinação com outros elementos, para além da própria ocupação a que nos referimos. Basta destacar, neste sentido, as articulações das lideranças citadas destes migrantes/ocupantes com outras emergentes práticas de solidariedade e organização social de outros setores organizados da sociedade civil, particularmente de outros movimentos sociais de luta pela reforma agrária e por moradia da cidade e do Estado, tal como com setores mais progressistas da Igreja Católica ligados aos mesmos.

De outra forma, a organização dos mutirões por estes migrantes/ocupantes nunca foi apenas resultado das temporalidades próprias e exclusivas das experiências de vida registradas nesta ocupação, mas uma fronteira construída e reconstruída cotidianamente por meio de relações dialógicas e também contraditórias, estabelecidas com vários outros movimentos sociais do campo e da cidade da época, igualmente aos poderes municipal e estadual. Em particular, construída com outras ocupações urbanas daquele então e muitos sindicatos rurais que conheciam e estimulavam tal prática na cidade e no campo como estratégia de luta e resistência.

Assim, os mutirões dos migrantes/ocupantes da Fazenda Caveirinha – por um lado – podem ser compreendidos como conjunto de práticas de indivíduos que compartilharam experiências e valores que caracterizaram um determinado fluxo migratório, especialmente campo-cidade. Por outro ângulo, alimentava processos de identificação, alianças e/ou formas de solidariedade com aqueles e aquelas que chegaram/as no mesmo ou em outros fluxos migratórios igualmente recentes, também se encontravam estabelecidos (legalmente ou não) em outros lugares de fronteira da cidade de Goiânia. No âmbito desse processo de lutas, conquistas e esperanças, estes indivíduos também se construía(m) como sujeitos na cidade lutando pelo direito à cidade, na medida em que o cotidiano de luta por moradia dos mesmos implicava também no rompimento de limitações de ordem físicas, policiais, jurídicas, simbólicas etc., que são as fronteiras.

Em consonância com a análise de Thompson (1987, p. 9), segundo a qual: “[...] a classe [...] ocorre efetivamente e cuja ocorrência pode ser demonstrada nas relações humanas [...]”; como ideia que “[...] traz consigo a noção de relação histórica [...]”; como realidade que “[...] acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses [...]”, podemos afirmar que os migrantes/ocupantes da Fazenda Caveirinha, no movimento de luta por moradia, só passaram a se ver enquanto comunidade política, na qualidade de sujeitos de um processo de territorialização e produção de um lugar específico na fronteira (enquanto confins da cidade), no qual estava permanentemente colocados para os mesmos a necessidade cotidianas de produção de contra-manobras. Assim, pode citar, por exemplo, aquelas elaboradas: contra a repressão da polícia; diante de formas de pressão e violência representando interesses oportunistas.

tas de grandes empresários da cidade; dada a urgência de construir coletivamente condições mínimas de organização social e construção coletiva de moradias etc.

Finalizando, os modos de produção e as práticas sociais lidas deste ângulo, informam o quadro subjetivo (cultural e organizativo), como a materialidade das lutas de fronteiras destes sujeitos que se constituem atravessando e produzindo instituições e modos de vida territorializados, ampliando a própria ideia de fronteira. De outro modo, consolidando a compreensão desta como forma variada e contraditória de práticas de classe empenhadas na apropriação de meios, conhecimentos, recursos e instituições. Uma gramática viva de conflitos que se manifestam na diversidade das táticas de resistência (MEZZADRA, 2012, *apud* BOCAYUVA, 2013).

Referências

ALENCAR, Andrea da Silva Morais. *Memórias e experiências de imigrantes espanhóis em Bueno Brandão – MG 1960-1990*. 128 p. Tese (Doutorado em História) – PUC-SP, São Paulo, SP, 2009.

ALONSO, Blanca Sánchez. *Las causas de la emigración española 1880-1930*. Madrid: Alianza editorial, 1995.

ALVES, Eliseu, CONTINI, Elísio. Modernização da agricultura brasileira. In: BRANDÃO, Antônio Salazar. *Principais problemas da agricultura brasileira: análise e sugestões*. 2ª ed. Rio: IPEA/INPES, 1992

ARANTES, Antonio A. A guerra dos lugares: sobre fronteiras simbólicas e liminiaridades no espaço urbano. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 1994.

AZEVEDO, Robinho Martins de. A esperança nasce da luta. *Boletim da Associação de Moradores do Jardim Nova Esperança*. Goiânia, 15 de Outubro de 1986.

BAENINGER, R. Rotatividade Migratória: um novo olhar para as migra-

ções internas no Brasil. *Rev. Inter. Mob. Hum.*, Brasília, Ano XX, Nº 39, p. 77-100, jul./dez. 2012.

BAENINGER, Rosana. *Fases e faces da migração em São Paulo*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo-Unicamp, 2012.

BARRA E LOPES, Edmar A. *Ocupação Fazenda Caveirinha: arquipélago de memórias (Goiânia: 1970-1989)*, 223f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Tradução de Marcus Pechel. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

BECKER, B. Modernidade e gestão do território no Brasil: da integração nacional à integração competitiva. *Espaço e Debates*, São Paulo, n. 31, 1991, p. 47-56.

BERNARDELLI, Maria L. F. H. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria E. B. (Org.). *Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2006.

BOCAYUVA, Pedro C. C. A fronteira como método e como “lugar” de lutas segundo Sandro Mezzadra Bocayuva. *Lugar Comum*, n. 39, 2013, p. 45-67.

BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BIAGIONI, D. Migração e mobilidade social no estado de São Paulo em 1996: inserção dos migrantes na estrutura de classes sociais. Encontro Nacional sobre Migrações, 6., 2009. Belo Horizonte. *Anais*. Belo Horizonte: ABEP, 2009.

BINSWANGER, H. P., BRAUN, J. Von. Technological change and commercialization in agriculture: impact on the poor. In: LIPTON, M., VAN DER GAAG, J. *Including the Poor: Proceedings of a Symposium Organized by the World Bank and the International Food Policy Research Institute*. Washington, D. C.: World Bank Regional and Sectoral Studies, p. 169-189, 1993.

BORGES, Barsanufio Gomides. *Goiás modernização e crise, 1920-1960*. São Paulo: FFLCH/USP, 1994 (Tese de Doutorado).

BRAGA, Fernando; MATOS, Ralfo. Quem são os migrantes das metrópoles? Uma análise comparativa das pessoas que entraram e saíram das regiões metropolitanas brasileiras. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)*, n. 11 (junho). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento

do Território, 2017, p. 59-81.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. *Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: Panorama dos últimos 50 anos*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CANDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

CARASSOU, Roberto Herrea. *La perspectiva teórica en el estudio de las migraciones*. México: Siglo XXI editores, 2006.

CASTLES, S.; MILLER, M. J. *The Age of Migration: International Populations Movements in the Modern World*. Palgrave: Houndsmills, 2003.

CASTRO, Ana Célia, FONSECA, Maria da Graça D. *A dinâmica agroindustrial do Centro Oeste*. 1ª ed. Brasília: IPEA, 1995.

_____. A operação historiográfica. In: _____. *A Escrita da História*. 2 ed., trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia*. São Paulo-SP. Editora Cortez, 4ª edição. 1989.

COCCO, Giuseppe; Albagli Sarita (orgs.). *Revolução 2.0 e a crise do capitalismo global*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro- RJ, ed. Vozes. 1994.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille plateaux*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DREHER, Martin N., TRAMONTINI, Marcos J. (Org.). Leituras e interpretações da imigração na América Latina. *Anais do XVI Simpósio de História da Imigração e Colonização*. São Leopoldo: Oikos, 2007. CD-ROM.

FONTES, Paulo. *Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista, (1945-66)*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas,

2008.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1984.

GAUDEMAR, J. P. *Mobilidade do trabalho e acumulação do capital*. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

GATTAZ, André Castanheira. *História oral da imigração libanesa para o Brasil – 1880 a 2000*. Tese (Doutorado em História Social) – USP, São Paulo, SP, 2001.

GOETTERT, Jones Dari. Gentes, migração e transitoriedade migratória. *Revista Espaço Plural*. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Núcleo de Pesquisa e Documentação sobre o Oeste do Paraná. ano 1, n. 1. Marechal Cândido Rondon: EDUNIOESTE, 1999.

GUEDES, Luana Sullivan B. *Memórias em exílio, identidades em trânsito: angolanos no Pará (1975-2004)*. 168f. Dissertação (Mestrado em História) – PUC-SP, São Paulo, SP, 2005

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

HARTWIG, Marisa. Migração campo cidade: trajetórias de vida, trabalho e escolarização de jovens trabalhadores. In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL E I FÓRUM DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA REGIÃO SUL DO RS: CAMPO E CIDADE EM BUSCA DE CAMINHOS COMUNS. Pelotas/RS. *Anais* – UFSC, 2012.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

JACKSON, Luiz Carlos. Estudo sobre a sociologia esquecida de Antonio Candido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais-RBCS*. Vol. 16 nº 47 outubro/2001. Disponível em: www.scielo.br. Data de acesso: 22/07/2018.

JANNUZZI, P. M. Mobilidade social e migração no Brasil: revisão bibliográfica e elementos empíricos para análise. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Brasília, 16, n. 1/2 jan./dez. 1999.

KHOURY, Iara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. *Projeto História*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC São Paulo, n. 22, p. 79-103, jun. 2001.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LAVERDI, Robson; (et al.). *História oral, desigualdades e diferenças*. Recife: Editora Universitária da UFPE; Florianópolis, SC: Editora da UFSC, p. 259-286, 2012.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. *História e memória*. Trad. Suzana Ferreira Borges. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 535-549, 1996.

LEE, Everett S. Uma teoria sobre a migração. In: BNB. *Migração interna: textos selecionados*. Tradução de Hélio A. de Moura It. Fortaleza: ETENE, 1, p. 89-114 (Estudos Econômicos e Sociais, 4) (Traduzido do origina: A theory on migration), 1980.

LEFEBVRE, Henri. *De lo rural a lo urbano*. 4a ed. Barcelona (Espanha): Ediciones Peninsula, 1978.

_____. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *O direito à cidade*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001. Tradução de Rubens Eduardo Frias.

_____. *La production de l'espace*. 4. ed. Paris: Anthropos, 2000.

_____. *A Produção do espaço*. Tradução Doralice Barros Pereira e Sergio Martins (do original: La production de l'espace. 4ªed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início – fev. 2005. Disponível em www.mom.arq.ufmg.br.

LOWENTHAL, David G. P. M. Como conhecemos o passado. *Projeto História*: Revista do Programa de Pós-Graduação em História Universidade Católica de São Paulo. Trad. Lúcia Haddad. São Paulo, v. 17, p. 63-20, nov. 1998.

MARTINE, G. *As migrações de origem rural no Brasil: uma perspectiva histórica*. História e população – estudos sobre a América Latina. São Paulo: Abep/ Iussp/Celade, 1990.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Contexto, 2009.

MENEZES, Marilda Aparecida de. *Redes e Enredos nas Trilhas dos Migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa-PB: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2002.

MERTON, Robert. *Teoría y estructura sociales*. México: FCE, 1995 [1964].

MEZZADRA, Sandro. *Direito de Fuga*. Lisboa, Edições Unipop, 2012.

MOYA, José C. *Primos y extranjeros*. La inmigración española en Buenos Aires, 1850-1930. Buenos Aires: Emecé, 2004.

NEGRI, Antonio. *El Poder Constituyente*. Ensayo sobre las alternativas de la modernidade. Barcelona, Livraria Libertarias/Prodhufi, 1994.

NETO, Helion Póvoa e Ferreira; PACELLI, Ademir (orgs.). *Cruzando Fronteiras Disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

NETTO JUNIOR, J. L. S., TARGINO, I. Migrações e diferenciais de renda estaduais: uma análise por dados em painel no período de 1950 – 2000. In: ENCONTRO TRANSDISCIPLINAR ESPAÇO E POPULAÇÃO, 1, 2003. Campinas. *Anais*. Campinas: ABEP, 2003.

NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel. Las pátrias ausentes. *Estudios sobre historia y memoria de las migraciones ibéricas (1830-1960)*. Oviedo: Genuève ediciones, 2014.

OLIVEIRA, Francisco de. O vício da virtude. Autoconstrução e acumulação capitalista no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 74, São Paulo-SP, Março de 2006. Disponível em: www.scielo.br. Data de acesso: 03/09/2018.

PEREC, Georges. *Espécies de espacios*. Trad. Jesús Camarero. Barcelona: Montesinos, 1999.

PEREIRA, Syrléa Marques. *Entre histórias, fotografias e objetos: imigração italiana e memórias de mulheres*. Tese (Doutorado em História), UFF, Niterói, RJ, 2008.

PERES, E. P. *A inexistência da terra firme: a imigração galega em São Paulo, 1946-1964*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP/Imprensa Oficial do Estado. 2003.

POMIAN, Krzysztof. *Sobre la historia*. 2 ed., trad. Magali Martínez Solimán. Madrid: Cátedra, 2007.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História: Ética e História Oral, 15:13-33, 1997.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

PRIORI, A., et al. História do Paraná: séculos XIX e XX [online]. Maringá: Eduem, 2012. *A modernização do campo e o êxodo rural*. p. 115-127. Disponível em: books.scielo.org. Data de acesso: 25/02/18.

PROCHNOW, Lucas N. *Memórias, narrativas e história: a imigração espanhola recente em Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, Porto Alegre, RS, 2009.

QUIJANO, A. (2004). El laberinto de América Latina: ¿Hay otras salidas? *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales*, Universidad Central de Venezuela, Caracas, año/ vol. 10, n. 1, p. 75-97, ene./abr. 2004.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo-SP, ed. Brasiliense. 1985.

RAMOS, C. A., ARAÚJO, H. *Fluxos migratórios, desemprego e diferenciais de renda*. Texto para Discussão n. 657. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: MOURA, H. *Migração interna: textos selecionados*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1980.

RODRIGUES, Maria de Jesus. *Os 10 Anos de Uma Nova Esperança: Poses, lutas e Vitórias*. Goiânia-GO. 1989, p. 5. (mimeografado). Escrito por ocasião do aniversário dos 10 anos de existência do Jardim Nova Esperança, antes conhecido como ocupação Fazenda Caveirinha, 1989.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço*. Rio de Janeiro: Anpur-Letra Capital, 2012.

SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Edusp, 5ed, 2008.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SARMIENTO DA SILVA, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Xeografia e Historia, USC, Santiago de Compostela, Espanha, 2006.

SARMIENTO, Érica. Emigração e exílio, novas abordagens nos estudos

migratórios: considerações sobre o artigo de Sylvie Aprile. *Almanack*, n. 17. Guarulhos, Sept./Dec. 2017. Disponível em: www.scielo.br. Acesso: 22/01/2018.

SILVA, J. G. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. Campinas: UNICAMP/IE, 1996.

SINGER, P. *Economia política da urbanização*. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SOJA, Edward. *Geografia pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

SOUTELO VÁZQUEZ, R. Memoria oral e identidade étnica da inmigración española a latinoamérica no século XX: vos galegos en Brasil, 1880-1970. *Estudios Migratorios*, Santiago de Compostela, n. 6, p. 97-124, dez. 1998.

SPOSITO, Maria E. B. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: _____. (Org.). *Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2006, p. 111-130.

STROPASOLAS, V. L. *O mundo rural no horizonte dos jovens: o caso dos filhos (as) de agricultores familiares de Ouro-SC*. Tese (Doutorado) Interdisciplinar em Ciências Humanas Florianópolis: UFSC, 2002.

TALASKA, Alcione; ARANTES, Almir; FARIAS, José Antônio. A delimitação do urbano e do rural no Rio Grande do Sul/Brasil: Aplicação de uma tipologia alternativa. *Revista Colombiana de Geografia: Cuadernos de Geografia*, Universidad Nacional de Colombia, n. 18, 2009, p. 59-69.

TAUBE, Maria José de Mattos. *De migrantes a favelados: estudos de um processo migratório*. Editora UNICAMP, Campinas-SP, 1986.

TAVARES, Marcelo. *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro: ensaios sobre a economia brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, A. *A formação da classe operária: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro-RJ, 2ª edição. 1987.

THOMSON, A. Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Anpuh/Humanitas, v. 22, n. 44, 2002, p. 341-364.

VIRILIO, Paul. *Velocidade e política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WENCZENOVICZ, Thais Janaina. *Luto e silêncio: doença e morte na área*

de colonização polonesa no Rio Grande do Sul (1910-1945). Tese (Doutorado em História) – PUCRS, Porto Alegre, RS, 2007.

WEISHEIMER, Nilson. *A situação Juvenil na Agricultura Familiar*. 2009. Tese (Doutorado) – UFRGS, Porto Alegre, 2009.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na história e na literatura*. Trad. por Paulo Henrique de Britto. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

Fontes orais: entrevistas citadas

Maria de Jesus Rodrigues, 46 anos. Julho 1998.

Maria Geralda de Souza, 51 anos. Julho 1998.

Olavo Novais Alves, 63 anos. Julho de 1998.

Robinho Martins de Azevedo, 48 anos. Julho 1998.

Boletins citados

Boletim Informativo da Invasão: Órgão de Divulgação da Associação dos Moradores do Jardim Nova Esperança. 04 de Março de 1981 (n. 04); 15 de outubro de 1986 (s/n).

Jornal consultado

A voz dos trabalhadores, n. 2, 1980.

Resumo:

O artigo analisa o cotidiano de luta por moradia de migrantes que experimentaram relações constituídas e constituintes da fronteira enquanto conjunto de mediações entre o rural e o urbano, o campo e a cidade, compreendida como gramática viva de conflitos, conjunto de formas variadas e contraditórias de práticas de classe empenhadas na apropriação de meios, conhecimentos, recursos e instituições. Através da produção e análise de narrativas orais – de memórias – com base na história oral, os mutirões são tomados enquanto recorte específico do cotidiano de lutas por moradia de imigrantes/ocupantes da ocupação Fazenda Caveirinha (1970-1989), Goiânia-GO. Analisados e compreendidos – ao final – enquanto práticas por excelência instituídas e instituintes deste lugar de fronteiras.

Palavras-chave: Fronteira; Lugar de fronteiras; Cotidiano; Migrantes; Ocupantes.

Abstract:

The article aims to promote reflection on the use of new qualitative methodologies in migration studies. Particularly, the everyday struggle for housing of migrants who experience constituted relations and constituents of the frontier as a whole mediates between the rural and the urban, the countryside and the city, understood as a living grammar of conflicts, a set of varied and contradictory forms of engaged in the appropriation of resources, knowledge, resources and institutions. Through the production and analysis of oral narratives – of memories – based on oral history, the mutirões as a specific cut of the daily life of struggles for housing of immigrants / occupation occupants Caveirinha Farm (1970-1989): Goiânia-GO, are analyzed and understood – at the end – as practices par excellence instituted and instituting this place of frontiers.

Keywords: Border; Place of frontiers; Daily; Migrants; Occupants.

Recebido para publicação em 11/05/2018.

Aceito em 25/10/2018.